

Educação em saúde: autocuidado relacionado a sexualidade em adolescentes da Educação Básica

Education in health: self-care related to sexuality in basic education teenagers

Chayene Aguiar Rocha

Graduada em Enfermagem pela Universidade Federal de São Paulo
chayenerocha@gmail.com

Shyrlaine Honda Bastos

Graduada em Enfermagem pela Universidade Federal de São Paulo
shyrlainehonda@gmail.com

Jéssica Aparecida Rolim Pontes

Graduada em Enfermagem pela Universidade Federal de São Paulo
jessikinharolim@gmail.com

Mayara Cristina de Barros

Graduada em Enfermagem pela Universidade Federal de São Paulo
mayara.crisbarros21@gmail.com

Goreti da Silva da Cruz

Doutora do Programa de Pós-Graduação – UNIFESP/EPE e vice-coordenadora do Programa de Extensão “Lá Fora”
goreticruz.27@gmail.com

Ana Lucia de Moraes Horta

Professora Doutora, do Departamento de Saúde Coletiva da Escola Paulista de Enfermagem-Universidade Federal de São Paulo
Coordenadora do Programa de Extensão “Lá Fora”
analuciahorta18@gmail.com

RESUMO

Este relato vivenciado no Programa de Extensão denominado Lá Fora vinculado à disciplina ao Departamento de Saúde Coletiva da Escola Paulista de Enfermagem UNIFESP, esse tem como objetivo relatar a experiência do grupo de extensão, que participou da atividade denominada Cuidando do Corpo que Habita. Essa atividade, foi direcionada a alunos do oitavo e nono ano de uma escola pública estadual, localizada no bairro do Jabaquara na zona sul da cidade de São Paulo, com o objetivo principal de aplicar a educação em saúde direcionado ao estímulo do autocuidado para adolescentes relacionado a sexualidade, através de quatro oficinas abordando o autocuidado como tema central. A atividade despertou o interesse dos participantes, que se expressaram a partir de questionamentos, relatos de vivências e compartilhamento de conhecimento entre os extencionistas. Dessa forma, acreditamos que o objetivo da Educação em Saúde voltada ao autocuidado, fora atingida com o desenvolvimento desse tipo de trabalho.

Palavras-chave: *Educação em Saúde. Saúde do Adolescente. Autocuidado.*

ABSTRACT

This report, experienced in the Extension Program called Lá Fora, linked to the discipline of the Department of Collective Health of the School Paulista of Nursing, UNIFESP, aims to report the experience of the extension group, which participated in the activity called Cuidando do Corpo que Habita. This activity was directed to eighth and ninth grade students from a state public school, located in the Jabaquara neighborhood in the south zone of the city of São Paulo, with the main objective of applying health education aimed at stimulating self-care for adolescents related Sexuality, through four workshops addressing self-care as the central theme. The activity aroused the interest of the participants, who expressed themselves from questions, experiences reports and knowledge Sharing of knowledge among project participants. Thus, we believe that the goal of Health Education focused on self-care had been reached with the development of this type of work.

Keywords: *Health education. Teenager Health. Self-care.*

INTRODUÇÃO

Educação em Saúde é definido pelo Ministério da Saúde como: Processo educativo de construção de conhecimentos em saúde que visa à apropriação temática pela população [...]. Conjunto de práticas do setor que contribui para aumentar a autonomia das pessoas no seu cuidado e no debate com os profissionais e os gestores a fim de alcançar uma atenção de saúde de acordo com suas necessidades (Ministério da Saúde, 2006).

Desta forma, a Educação em Saúde é uma importante ferramenta no processo de conscientização individual e coletiva de responsabilidade e direitos à saúde. É um processo inerente a todas as práticas desenvolvidas no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Por ser uma prática transversal, proporciona a articulação entre todos os níveis de gestão do sistema, representando, desta maneira, um dispositivo essencial tanto para a formulação da política de saúde como para as ações que acontecem na relação direta dos serviços com os usuários (Ministério da Saúde, 2007). A Educação em Saúde é inspirada nos pensamentos de Freire, onde enfatiza que a prática educativa deve ser realizada com alegria, esperança, convicção de que a mudança é possível, curiosidade, comprometimento, tomada de decisões e disponibilidade ao diálogo, sabendo escutar o outro e querendo bem ao educando (Freire, 2011). Neste sentido, a educação deve ser uma prática da liberdade do ser humano, na qual os conhecimentos são compartilhados entre os sujeitos que desvelam a realidade, conhecem-na criticamente e a recriam (FREIRE, 2011).

As atividades educativas, como meio de alcançar determinados fins, representam uma parte do conjunto de atividades dos programas de saúde que, conforme a natureza do problema, exigem um grau maior ou menor desse tipo de ações técnicas. Contudo, todos eles precisam, muito embora nem sempre se reconheça, da colaboração de um especialista (CANDEIAS, 1997). Cabe ao enfermeiro, como integrante da equipe de saúde, realizar Educação em Saúde visando a melhoria de saúde do indivíduo, da família e da população em geral (ALVES, 2005), ao realizar as ações educativas os enfermeiros esperam atingir os objetivos programados, que as pessoas valorizem o trabalho, participem ativamente das ações e compreendam as orientações realizadas, identifiquem a importância de cuidar da própria saúde e da comunidade em geral, e que a partir disso as ações possam contribuir para a melhoria nas condições de saúde de todos, e com isso reduzir o índice de doenças, bem como, proporcionar efeitos positivos e relevantes na vida das pessoas por meio das ações educativas (ROECKER, 2013). Dessa forma o estudante de enfermagem deve na graduação desenvolver as técnicas de Educação em Saúde para assim poderem aplicar em sua vida profissional futura.

A organização da educação é uma das dimensões da formação em saúde e não pode ser dissociada das demais. A organização dos serviços, o

trabalho tal como o encontramos na rede (no mínimo como campos de estágio), as demonstrações de pensamento dos segmentos corporativos das profissões e dos governos também são processos formativos. A acessibilidade das pessoas às ações e serviços de saúde; a qualidade do acolhimento; a responsabilidade das equipes com o cuidar e a atenção às populações, assim como os processos educativos adotados para ampliar a autodeterminação das pessoas no cuidar de si e, assim, construir ativamente sentidos à sua saúde devem ser matéria de debate durante a formação profissional, inclusive diante da necessidade de transformar a excessiva solicitação de exames (tantas vezes desnecessários), a elevada prescrição de medicamentos (substituindo outras terapêuticas mais indicadas) e o descompromisso com as pessoas após “aulas” de educação para a saúde em possibilidades inventivas de novos caminhos para a produção da saúde (CARVALHO, 2006).

Os programas de extensão oferecidos no contexto da Universidade proporcionam vivenciar em vários momentos a prática, tendo como objetivo proporcionar ao discente conhecer as diferentes estratégias didáticas para o desenvolvimento dos trabalhos em educação popular; capacitando os graduandos a desenvolver práticas pedagógicas no contexto de Saúde associada à fundamentação teórica por meio da reflexão e a uma análise crítica e ética no atendimento das necessidades da comunidade assistida (ROSA, 2004). Nessa direção os extencionistas, do Programa de Extensão Lá fora, vinculados nessa instituição, identificaram a necessidade de discutir e aprofundar estudos sobre o autocuidado, relacionado a sexualidade de adolescentes.

A adolescência é marcada por intensas modificações físicas, psíquicas, comportamentais e sociais; é a transição entre a infância e a vida adulta, em que muitas das características ou dos hábitos referentes ao estilo de vida do adulto são adquiridos e/ou consolidados (ZEIOUNE, 2012). Devido à vulnerabilidade que os jovens enfrentam durante a transição do período de criança/adolescente/adulto, a família, assim como a escola apresentam um papel fundamental na construção do conhecimento do indivíduo. Normalmente os adolescentes têm vergonha, constrangimento e incertezas relativas à sexualidade, o que muitas vezes os levam a procurar informações em fontes inseguras ou incapazes de ajudá-los, representados pelos próprios amigos (JARDIM, 2013). Por isso, torna-se importante conhecer o entendimento que estes jovens têm a respeito de sexualidade e suas possíveis consequências, quando não adotadas medidas eficazes de proteção (LOPES, 2013). Desta maneira, na adolescência, a Educação em Saúde, mostra-se importante na conformação das significações do adolescente sobre conceitos de saúde e doença, assim como na influência sobre seus comportamentos (SILVA, 2016). Dessa forma espera-se que os adolescentes sejam capazes de desenvolver o autocuidado relacionado à sua sexualidade.

OBJETIVOS

Objetiva-se relatar a experiência do Programa de Extensão Lá fora- Universidade Federal de São Paulo-UNIFESP- SP, na produção de oficinas, direcionadas ao desenvolvimento da prática de autocuidado, relacionados a sexualidades de adolescentes.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esse foi um trabalho desenvolvido por alunos do segundo ano de Enfermagem da Universidade Federal de São Paulo, em uma escola pública estadual, localizada no bairro do Jabaquara na zona sul da cidade de São Paulo, essa escola contempla alunos do ensino fundamental e médio. O Programa de Extensão tinha como objetivo o desenvolvimento de atividades que trabalhassem a compreensão dos alunos acerca da necessidade de realizar o autocuidado voltado à sua sexualidade.

A escolha do local se deu devido a solicitação do dirigente de um Centro de Integração da Cidadania da região sudeste do município de São Paulo– que visa proporcionar à sociedade os seus direitos por meio da participação popular e garantir formas alternativas de acesso à justiça. No CIC a população tem acesso a serviços públicos gratuitos, palestras sobre temas diversos, oficinas culturais, orientações sociais e jurídicas. Através desse contato, a gestão nos forneceu informações quanto a vulnerabilidade dos adolescentes estudantes da Educação Básica do entorno para as dificuldades relacionadas ao autocuidado e desenvolvimento da sexualidade. A aderência ao local, por parte do Programa, partiu do entendimento que a escola é um local de ensino e a Educação em Saúde para adolescentes, visto como uma forma de prevenção primária em saúde, adequando-se em nosso projeto. Além disso, outros fatores importantes fora a anuência e colaboração dos gestores da Escola de Ensino Fundamental.

A proposta ocorreu no período de janeiro a dezembro de 2016. O início do projeto se deu dentro da Escola Paulista de Enfermagem, onde tínhamos a disponibilidade de uma sala para fazermos nossas discussões, o grupo de extensão, inicialmente era formado por 19 alunos, nos dividimos em grupos menores com o objetivo de semanalmente, desenvolvermos discussões com embasamento teórico nos temas: autocuidado, sexualidade, higiene, uso de preservativos, doenças sexualmente transmissíveis e gravidez na adolescência, cada pequeno grupo tinha como dever a busca por materiais contendo informações relacionadas ao tema, de forma que quando exposto nas discussões todos os alunos pudessem adquirir o conhecimento, e futuramente repassar. Essa fase teve duração de três meses. Além disso, alguns dos participantes do programa tiveram a oportunidade de ter aulas optativas sobre o tema sexualidade e abordagem com adoles-

centes durante seis meses.

Após a fase de desenvolvimento teórico, tivemos discussões relacionadas a como seria passado esse conhecimento para os adolescentes, assim criamos oficinas sobre cada tema com o foco no autocuidado. Assim, foram formadas quatro oficinas, sendo elas: Oficina 1 - A observação do corpo, como o observamos e qual a necessidade de observar as genitálias como parte integrante do nosso corpo; Oficina 2 - Cuidar do corpo tendo práticas sexuais seguras, quais os tipos de contraceptivos e como fazer a colocação de preservativos masculinos e femininos; Oficina 3 - Não me cuidei, não fiz a utilização de preservativo, quais doenças posso adquirir?; Oficina 4 - Além de doenças posso desenvolver uma gestação, como seria isso em minha vida?

Após a construção do material teórico e da criação das oficinas, marcamos uma primeira intervenção na escola direcionada aos professores, que foram incluídos na proposta como facilitadores, colaboradores e avaliadores do conteúdo. Para tal intervenção foi realizada uma aula expositiva dialogada utilizando como recurso o multimídia, objetivando apresentar o que seria abordado com os alunos para os professores. Ainda durante essa intervenção, foi deixada uma caixa lacrada na escola para que os alunos colocassem perguntas relacionadas a sexualidade para respondermos no decorrer das atividades.

Durante a visita na escola, iniciamos a proposta direcionada as salas do oitavo ano nono ano, contendo uma média de 175 alunos, assim decidimos por fazer grupos de aproximadamente dez alunos que iriam circular entre as oficinas, sendo dois extencionistas do Programa responsáveis por cada oficina.

A Oficina 1 “A observação do corpo” iniciava com a pergunta: “Qual parte do corpo você observou hoje?”, os alunos recebiam uma imagem com o contorno de um corpo ao qual eram incentivados a marcar as partes do corpo que foram observadas, depois fazíamos uma discussão sobre as genitálias e através de uma figura nós apresentávamos como era a forma correta e o que deveria ser observado durante a avaliação das genitálias de ambos os sexos.

Sequencialmente na Oficina 2 “Cuidar do corpo tendo práticas sexuais seguras”, foram apresentados métodos contraceptivos por meio de uma aula expositiva dialogada, favorecendo a participação dos adolescentes, que puderam expor suas experiências e tiraram dúvidas relacionadas ao assunto. Ao final, os alunos tinham a oportunidade de fazer a colocação de preservativos em um protótipo tanto masculino quanto feminino.

A oficina seguinte, “Possíveis doenças desenvolvidas com a falta da prevenção”, tinha o objetivo de falar sobre as doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) expondo características das doenças, forma de contágio e prevenção. Essa oficina foi feita em forma de jogo, os grupos eram divididos ao meio e com a utilização de dados eles faziam uma com-

petição. O grupo que tirasse o maior número deveria responder a uma pergunta de múltipla escolha referente à imagem apresentada que continha uma das características das doenças sexualmente transmissíveis.

Por último a Oficina 4 “Gestação na adolescência” era uma roda de conversa, todos os alunos recebiam uma bexiga contendo um papel dentro com uma palavra relacionada a questões de sentimentos e ações, esses papeis seriam interligados a uma gravidez na adolescência e os adolescentes podiam julgar o quanto essa questão refletia em sua vida, se viessem a ter uma gravidez na adolescência, através de um farol colocado no chão eles poderiam escolher se a questão era algo muito simples escolhendo a cor verde, ou médio escolhendo a cor amarela ou algo muito difícil em sua vida optando pela cor vermelha, dessa forma os adolescente podiam discutir entre eles e refletir quanto às mudanças e dificuldades que poderiam vir a enfrentar com a gravidez na adolescência. Todas as oficinas tiveram duração em média de 10 minutos.

Foram necessárias três visitas na escola para que contemplássemos todos os alunos e após as intervenções tivemos um feedback dos professores e diretores da escola finalizando nossas atividades. Para concluir essa fase do projeto foi realizada mais uma reunião a qual tentamos compartilhar a experiência entre nós do programa, expondo as dificuldades, sucessos e melhorias que seriam necessárias no projeto. Junto a isso vimos as perguntas deixadas no primeiro dia na caixa e como uma forma de retorno para a escola, respondemos todas as perguntas em cartazes e disponibilizamos para a escola.

É importante salientar, que todos os assuntos tratados com os adolescentes, foram assuntos relacionados a Educação em Saúde, em vista da necessidade que temos em nossa sociedade de fornecer conhecimento como uma forma de prevenção primária, em um grupo de pessoas classificadas como um grupo de risco para doenças sexualmente transmissíveis, devido à falta de comunicação e busca por informações fidedignas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para garantir o sucesso das ações utilizamos dos princípios de Freire, onde enfatiza que a prática educativa deve ser realizada com alegria, esperança, convicção de que a mudança é possível, curiosidade, comprometimento, tomada de decisões e disponibilidade ao diálogo, sabendo escutar o outro e querendo bem ao educando (FREIRE, 2011^a). Dessa forma buscamos conteúdos com embasamento científico, nos dedicamos durante vários meses para a criação de um material didático apropriado, de forma que durante as ações conseguimos nos aproximar dos adolescentes, criando mútuo respeito e confiança.

O tema central que acompanhou nossas ações foi o autocuidado, por ser contínuo e uma forma de responsabilizar o indivíduo a escolher como irá utilizar o conhecimento recebido, afinal, como Alves afirma, o objetivo da educação dialógica não é o de informar para saúde, mas de transformar saberes existentes (ALVES, 2005).

Um ponto importante no processo de criação e desenvolvimento dessa ação é o trabalho ser direcionado a um público específico, os adolescentes, a Educação em Saúde dos adolescentes exige visão e abordagem sistêmicas das necessidades deste grupo. A saúde deve ser entendida em sua acepção mais abrangente, com suas diversas dimensões e múltiplos fatores causais. É diante da realidade referida que fica explícita a importância de utilizar a ludicidade como instrumento para envolver adolescentes e aproximar o conhecimento em saúde do seu cotidiano (SILVA, 2016). Partindo desse entendimento que criamos oficinas dinâmicas com atividades que favorecessem a participação dos adolescentes.

Devido à vulnerabilidade que os jovens enfrentam durante a transição do período de criança/adolescente/adulto, a família, assim como a escola apresentam um papel fundamental na construção do conhecimento do indivíduo (RAMPELOTTO et al, 2015). Com base na citação anterior, entendemos a necessidade de se realizar uma fase junto aos professores anterior a ação com os alunos, considerando que são os professores que estão a maior parte do tempo com esses alunos, e além disso eles tem conhecimento da grade curricular da escola, nos fornecendo informações sobre os déficits existentes na grade quanto a esse assunto. Essa intervenção foi positiva, tivemos a aderência de todos os professores, que se dispuseram a colaborar inclusive falando com os alunos sobre a realização desse projeto, ainda nos deram um feedback quanto ao material que havíamos preparado e nos incentivaram para que déssemos continuidade com o projeto.

A primeira e a última oficina trabalhavam com os adolescentes de forma dialogada, segundo Chiesa,(2011) comunicação dialógica, visa à construção de um saber sobre o processo saúde-doença-cuidado que capacite os indivíduos a decidirem quais as estratégias mais apropriadas para promover, manter e recuperar sua saúde. No início os adolescentes apresentavam-se intimidados, porém com o decorrer do diálogo eles passavam a participar mais da atividade.

A oficina 1 tinha o objetivo de falar sobre o cuidado com o corpo em todas suas particularidades. Os adolescentes constituem um grupo que requer atenção diferenciada, pois muitos iniciam a vida sexual quando ainda apresentam baixo conhecimento sobre as doenças sexualmente transmissíveis (DST) e percepção equivocada sobre o risco pessoal de adquirir essas doenças, considerando a ausência de práticas efetivas de proteção (DORETO, 2007). Dessa forma os incentivamos a falar dos órgãos genitais que não apareceram com frequência quando perguntamos quais

as partes do corpo eram observadas, eles foram questionados quanto as anormalidades que poderiam encontrar e como era feita a correta observação de ambos os órgãos. A grande maioria desses adolescentes, não tinham conhecimento suficiente sobre o assunto. Vale ressaltar, que existe um déficit de publicações na área do autocuidado relacionados aos órgãos genitais, principalmente quando se fala especificamente da vagina.

Já as oficinas 2 e 3 tinham uma característica voltada ao lúdico, assim foram duas formas pedagógicas diferentes aplicadas a um objetivo comum.

A oficina 3 apresentava uma atividade com imagens realísticas e expositoras, muitos dos adolescentes mostraram-se chocados ao verem as imagens relacionadas a doenças, e muitos retornavam a aprendizagem da oficina 2, questionando como era possível não adquirir as doenças através da simples prevenção, isso nos leva a uma fala de Ferreira, onde diz que educar em saúde não é se restringir apenas a repassar informações; é também sensibilizar a população a respeito dos agravos à saúde, levando-se em consideração o processo dialógico a orientar as práticas educativas que envolvem os sujeitos nas ações e na construção/reconstrução (FERREIRA, 2014). Assim podemos concluir que as imagens levaram esses adolescentes a uma maior reflexão quando a necessidade de desenvolver o autocuidado através da prevenção.

A gravidez na adolescência é considerada um problema de saúde pública que leva a grandes problemas econômicos, gastos de saúde, interrupções aos estudos, além de complicações durante a gravidez que podem ser desencadeadas tanto para a mãe como para o recém-nascido (DINIZ, 2012). O trecho anterior justifica a necessidade da última oficina, quando os alunos chegavam a essa última oficina de número 4, apresentavam-se mais desinibidos e críticos quanto a questão da responsabilização e autocuidado, porém a relação com a gravidez é um ponto mais marcante entre os adolescentes, muitos veem isso como real consequência da falta de cuidados preventivos devido a geração de um novo ser, contudo ainda assim existiram aqueles que levaram isso como algo normal, e afirmavam que poderiam assumir um filho, de forma a deixarem de lado a questão do autocuidado preventivo, e as doenças pareciam já não ser mais um foco, que os incentivassem a prática do autocuidado.

As oficinas foram efetivas do ponto de vista da Educação em Saúde com o foco no autocuidado, conseguimos assim passar as informações que foram propostas, porém a fase da adolescência é uma fase de questionamentos e dúvidas, existindo a necessidade constante de provas, de forma que acabam se expondo a riscos, mesmo munidos por informações.

A Educação em Saúde aplicada a esses adolescentes contribui na formação deles como cidadãos. É sabido que cidadão é todo indivíduo que goza de direitos constitucionais e respeita as liberdades democráticas, cumprindo deveres que lhe são atribuídos como participante ativo da so-

cidade. Por meio da educação, desenvolvem-se indivíduos com consciência crítica para que possam ser criativos, livres e agentes transformadores da realidade e não simplesmente reprodutores de uma mentalidade equivocada. É somente por meio da educação que o indivíduo se desenvolve e se torna cidadão com autonomia (FEREIRA, 2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento desse projeto evidenciou que os adolescentes, tem pouca informação sobre assuntos relacionados ao cuidado do corpo. O autocuidado não é valorizado na vida desses adolescentes, porém quando recebem a informação demonstram interesse e levantam questionamentos e duvidas, isso nos leva a pensar se a desvalorização do assunto não era proveniente da falta de conhecimento.

Faz-se necessária a criação de mais ações como essa, afinal as oficinas se mostraram eficazes, os objetivos assumidos com a propagação do conhecimento junto a Educação em Saúde com o foco no autocuidado foram alcançados. Existe a necessidade de desenvolver novas ações junto a família desses adolescentes, afinal uma das maiores queixas desses adolescentes é não ter abertura dentro de suas famílias para falar sobre esses assuntos.

De modo interdisciplinar. Poder desenvolver um projeto como esse durante a graduação foi de extrema importância para a formação e deveria ser explorado por outras áreas onde junto com a enfermagem possa favorecer processos de mudanças e educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES VS. Um modelo de educação em saúde para o Programa Saúde da Família: pela integralidade da atenção e reorientação do modelo assistencial. *Interface: Comunic, Saude*, 9(16):39-52, 2005.
- CANDEIAS, Nelly M. F. Conceitos de educação e de promoção em saúde: Mudanças individuais e mudanças organizacionais. *Rev. Saúde Pública*, 31 (2): 209-13, 1997.
- CARVALHO, Y. M.; CECCIM, R. B. Formação e Educação em Saúde: aprendizados com a Saúde Coletiva, 2006. [Acesso em 2017 jan 10]. Disponível em: <http://lrc-ead.nutes.ufrr.br/constructore/objetos/Forma%e7%e3o%20e%20educa%e7ao.pdf>
- CHIESA, A. M.; VERÍSSIMO, M. D. L. Ó. R. A educação em saúde na prática do PSF. Manual de enfermagem. [Acesso em: 2017 jan 11]. Disponível em: www.ids-saude.org.br/enfermagem.
- DINIZ, E.; KOLLER, S. H.; Fatores Associados à Gravidez em Adolescentes Brasileiros de Baixa Renda. *Paidéia*, 22 (53): 305-314, 2012. [Acesso em 2017 jan 10]. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v22n53/02.pdf>
- DORETO, D. T.; VIEIRA, E. M. O conhecimento sobre doenças sexualmente transmissíveis entre adolescentes de baixa renda em Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil. *Cad. Saúde Pública*, 23(10), 2007. [Acesso em 2017 jan 10]. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/csp/v23n10/26.pdf>.
- EBEN, J. D.; GASHTI, N. N.; HAYES; S. E.; MARRINER-TOMEY, A.; NATION, M. J.; NORDMEYER, S. B. Teoría del déficit de autocuidado. In: Marriner-Tomey A. Modelos teorías em enfermagem. 3ª ed. Madrid: Harcourt Brace, p. 63-85, 1994.
- FERREIRA, F. V.; ROCHA, G. O. R. R.; LOPES, M. M. B.; SANTOS, M. S.; MIRANDA, S. A. M. EDUCAÇÃO EM SAÚDE E CIDADANIA: REVISÃO INTEGRATIVA. *Trab. Educ. Saúde*, v. 12 n. 2, p. 363-378. Rio de Janeiro, maio/agosto 2014.
- FREIRE, Paulo. Educação como prática de liberdade. 28. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2011b.
- FREIRE, Paulo. Educação como prática de liberdade. 28. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005. *Pedagogia do oprimido*. 50. ed. rev. atual. São Paulo: Paz e Terra, 2011a.
- JARDIM, F. A.; CAMPOS, T. S.; MATA, R. N.; FIRMES, M. P. R. Doenças sexualmente transmissíveis: a percepção dos adolescentes de uma escola pública. *Cogitare Enfermagem*, 18, 4: 1-6, 2013.
- LOPES, M. M. C.; ALVES, F. Conhecimento Dos Adolescentes De Uma Escola Pública De Belo Horizonte Sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis, *Acerv. Inic. Ciên.* 2013.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE (MS). Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Departamento de Gestão e da Regulação do Trabalho em Saúde. Câmara de Regulação do Trabalho em Saúde. Brasília: MS, 2006.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. Caderno de Educação Popular e Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2007.
- RAMPELOTTO, R. F.; OLIVEIRA, F.; BOTTEGA, A.; SANTOS, S. O.; HÖRNER, R. Educação em saúde na adolescência: uma experiência acadêmica com alunos de escola pública. *Anais do VII Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão – Universidade Federal do Pampa*, v. 7, n. 3, 2015. Salão de Extensão. [Acesso em 2017 Jan 11]. Disponível em: <http://seer.unipampa.edu.br/index.php/siepe/article/view/15175>
- BUB, M; et al. A Noção de Cuidado de Si Mesmo e o Conceito De Autocuidado Na Enfermagem. *Texto Contexto Enferm*, Florianópolis, 2006; 15 (Esp): 152-7.
- ROSA, R. S. D. Plano de Ensino, 2004. [Citado em 10 janeiro 2017]. Disponível em: <http://www.icbs.pucminas.com.br>.
- ROECKER S, NUNES E. F. P. A., MARCON S. S. O trabalho educativo do enfermeiro na estratégia saúde da família. *Texto Contexto Enferm*, Florianópolis, 22(1): 157-65, 2013.
- SILVA, I. J.; OLIVEIRA, M. F. V.; SILVA, S. E. D.; POLARO, S. H. I.; RADÚNZ V.; SANTOS, E. K. A.; SNATANA, M. E. Cuidado, autocuidado e cuidado de si: uma compreensão paradigmática para o cuidado de enfermagem. *Rev. Esc. Enferm USP*, 43(3):697-703, 2009.
- SILVA, N.; SANTOS, D. S.; LÚCIO, I. M. L. Saúde e doença: percepção de adolescentes que vivenciaram o lúdico como estratégia de educação em saúde. *Rev enferm UFPE*, 10(5):1822-7, Recife, Maio 2016.
- ZEITOUNE, R. C. G.; FERREIRA, V. S.; SILVEIRA, H. S.; DOMINGOS, A. M.; MAIA, A. C. O conhecimento de adolescentes sobre drogas lícitas e ilícitas: uma contribuição para a enfermagem comunitária. *Esc Anna Nery*, 2012 Mar [citad 2017 Jan 10];16(1):57-63. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141481452012000100008&lng=en.